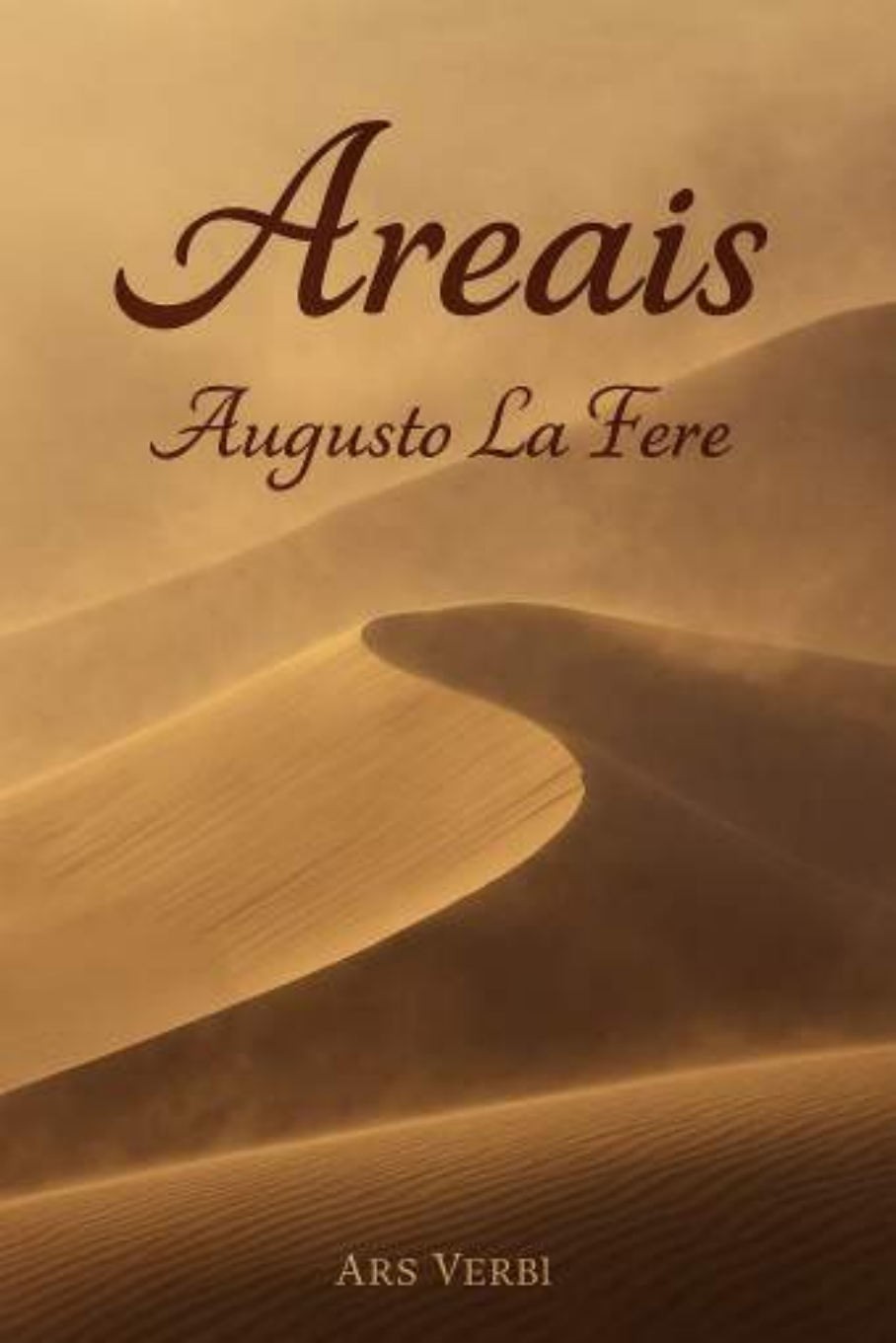




Areaais

Augusto La Fere

ARS VERBI

AREAIS

AUGUSTO LA FERE

AREAIS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Areais

© 2021 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988749-9-5

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

A quem escuta o silêncio dos lugares.
A quem recolhe, entre as cinzas do tempo,
um grão que ainda pulsa.

Aos que caminham sem mapa,
sabendo que todo passo
é também retorno.

E à areia —
por lembrar-nos
que o efêmero é o modo mais puro
do eterno.

"No deserto seco,
o canto da cigarra:
pedras cantam também."

— *Matsuo Bashō*

Traços de Areia

Prólogo: Nos Areais

O fio do tempo que se dissolve.
Um broto que rasga o horizonte.

Parte I: Da Areia e do Vento

O deslizar do grão-segreto.
A pegada que se faz deserto.

Parte II: Da Memória do Grão

O arquivo de suspiros.
O poema que o vento tece.

Parte III: Do Habitar e do Limiar

A casa de vigas de luz.
O hóspede de um sopro.

Parte IV: Do Silêncio e do Nome

A taça que transborda de sentido.
A areia que responde.

Parte V: Do Rito e do Gesto

O círculo onde o tempo me encontra.
A partida sem peso.

Epílogo: A Devoção ao Vazio

O ciclo que nunca se fecha.
A respiração que nunca cessa.

Prólogo: Nos Areais

Nos areais, o tempo é um fio que se dissolve.
Areia: cinza de astros, ossos de montanhas.
Raiz que resiste no solo seco,
um escorpião traça sulcos na poeira.

Dunas dançam sob uma luz furtiva,
mapas que o vento inventa e dispersa.
Lagoas brilham, espelhos da terra sedenta,
olhos que piscam no vazio.

O mar deixou conchas que murmuram,
fósseis de sal, ecos de marés perdidas.
Sambaquis: altares de tempo e espuma.
Ondas que inscrevem, desfazem, recomeçam.

Na curva do rio seco, a corrente sussurra,
carrega grãos, retorna ao silêncio.
Ilhas emergem e afundam no sopro do tempo.

No vasto deserto, um grão pulsa.
Um broto fura a crosta.
Uma flor mínima rasga o horizonte.

Nos areais, na secura extrema,
lateja o rumor da volta,
o peso do tempo que cai,
o começo que nunca se cala.

Parte I: Da Areia e do Vento



I

A areia não corre, apenas desliza.
Cada grão cai como um segredo,
sobre rastros que o vento dissolve,
sobre juras que sonharam ser pedra.

II

Sem marcos, a vastidão se curva.
O vento traça espirais de poeira,
a luz ocre corta o chão em lâminas.
O silêncio engole o que não é eterno.

III

Piso onde o chão se desfaz em pó.
Cada passo apaga o que veio antes,
cada rumo é um círculo sem fim.
A areia guarda o que não pronuncio.

IV

Sento-me à beira do vazio,
joelhos rendidos ao horizonte.
Não quero respostas —
só ser, como a duna que resiste.

V

O vento entoa um murmúrio rouco,
grãos que dançam em fuga breve.
Não é luto, mas promessa:
o que cai será reerguido.

VI

Uma pegada desafia o sopro,
teimosia contra o tempo que varre.
Por um instante, sou traço.
Por um instante, sou deserto.

VII

A luz esculpe a duna em arestas,
desenha rotas sem paradeiro.
O horizonte é uma linha
que o vento hesita em cruzar.

VIII

À noite, as dunas murmuram baixo,
um sussurro que não se explica.
É o deserto que respira,
a areia sonhando ser onda.

IX

Um pássaro corta o céu vazio,
sua sombra, um risco cinza-prata.
Um besouro rasteja na duna.
O voo deixa um eco na areia.

X

O vento semeia promessas sem raízes,
sementes que o tempo não deixa florir.
A areia as acolhe,
guarda-as no silêncio do pó.

Parte II: Da Memória do Grão



XI

Cada grão é um fragmento,
rocha que se deixou quebrar.
Carrega a paciência da ruína,
eco do que já foi inteiro.

XII

Pergunto à areia:
qual era teu rosto antes do pó?
Ela responde com o silêncio
de montanhas que se renderam.

XIII

Uma concha repousa, polida pelo sal.
O deserto guarda seu segredo.

XIV

Cavo um buraco na areia quente.
Os grãos voltam, lentos,
anulam o gesto antes do fim.
A história sempre se refaz.

XV

Um osso reluz sob o sol,
traço de um corpo que correu livre.
A areia o abraça, suave,
como quem guarda um mistério.

XVI

Um caco de cerâmica brilha,
borda quebrada, sem dono.
Um nome riscado na areia tremula ao luar.
A areia vela, mas não fala.

XVII

Camadas se formam, invisíveis,
trilhas de instantes esquecidos.
O deserto é um arquivo
de suspiros que o tempo apagou.

XVIII

Uma pena cai, leve,
toque de um pássaro sem nome.
Planto-a na areia,
um gesto para o vento carregar.

XIX

A areia sussurra vozes antigas:
ecos de passos sem rumo,
cânticos que o vento levou.
O grão guarda o que o tempo esquece.

XX

O deserto não esquece.
Cada grão é um verso,
cada duna, um poema
que o vento tece e desfaz.

Um traço de luz trespassa a areia,
rostos que surgem e se desfazem.
O silêncio escreve o que não digo,
o vazio lê o que não se forma.

A areia cala.
O tempo dança.
Cada grão guarda um instante,
um eco preso no ciclo do pó.

Um raio corta o véu do pó,
um clarão breve que não se repete.
O tempo é um sopro que varre,
um ciclo que nunca se fecha.

A memória é areia que dança,
um poema que não busca morada.
No grão, o eterno se dissolve,
no vazio, o instante se refaz.
E o silêncio retorna, intacto,
onde tudo começa e nada pesa.

Parte III: Do Habitar e do Limiar



XXI

Nos areais, não há portas.
A entrada é onde a duna se inclina,
o abrigo, onde o vento faz pausa.
Chamo de lar o que não tem fim.

XXII

Um muro baixo, gasto pelo sol,
não guarda, não defende.
Apenas marca um traço
onde o vazio sonhou repousar.

XXIII

Ao entardecer, a luz ocre se curva,
projeta a sombra de uma janela
que nunca existiu.
Por instantes, o deserto é casa.

XXIV

Ergo um abrigo de ar,
teto de estrelas, paredes de vazio.
Moro até que o vento
me convide a seguir.

XXV

Duas pedras alinhadas no chão,
resto de um lar que o tempo levou.
Sento-me ali,
e o deserto me acolhe.

XXVI

A sombra de um galho seco
desenha um refúgio frágil.
Uma semente pulsa na areia.
O sol logo apagará o traço.

XXVII

Meu corpo é um deserto fugaz,
pele que se rende à areia,
ossos que guardam o vento.
Habito-me enquanto atravesso.

XXVIII

Um fio de água corta a duna,
promessa de rio que não fica.
Sigo seu leito seco,
e chamo isso de caminho.

XXIX

O deserto não me expulsa,
nem me prende.
Sou hóspede de um instante,
morador de um sopro.

XXX

A verdadeira casa não tem raízes.
Suas vigas são de luz,
suas bases, de silêncio.
Moro onde o tempo não pesa.

Parte IV: Do Silêncio e do Nome



XXXI

Que nome dar à duna sem forma,
ao vento sem rumo,
ao vazio que acolhe sem julgar?
Calo-me, e a areia responde.

XXXII

Grito um nome.

O vento o rouba,
a areia o engole sem eco.

Nomear é um sussurro teimoso.

XXXIII

A areia não precisa
chamar-se areia para ser.
O deserto não pede
nossa voz para existir.

XXXIV

Sussurro “água”,
e a garganta seca em silêncio.
Digo “sombra”,
e o sol a consome.

XXXV

Crio nomes para o inefável:
o vento é “o que dança”,
a areia, “a que guarda”,
a imensidão, “a que espera”.

XXXVI

O silêncio é uma língua
falada com o olhar,
ouvida com a pele.
O deserto me ensina seu tom.

XXXVII

Cada palavra é um grão
que escapa entre os dedos.
Cada silêncio é uma taça
que transborda de sentido.

XXXVIII

Uma estrela pulsa no vazio.
O deserto me entende.

XXXIX

O vento traça signos na areia,
letras que ninguém decifra.
Aprendo a lê-los
sem tocar o chão.

XL

Nomear não é possuir.
É oferecer ao mistério
um pouco de sua verdade.
O deserto me ensina a calar.

Parte V: Do Rito e do Gesto



XLI

Não acendo fogo, não ergo altares.
O rito é sentar
e deixar o crepúsculo
tecer sua dança de cores.

XLII

Cada manhã, esvazio os sapatos,
devolvo ao deserto
a areia que ele emprestou na noite.
Um gesto de respeito, não de peso.

XLIII

Desenho um círculo na areia,
não para conter,
mas para marcar o lugar
onde o tempo me encontra.

XLIV

Uma pena cai na duna,
toque de um voo sem nome.
Enterro-a, ponta para baixo,
oferenda ao sopro do vento.

XLV

Ao meio-dia, derramo água
sobre a areia que murmura.
Não é sacrifício,
mas um ciclo que devolvo.

XLVI

Na noite, as estrelas são agulhas
no tecido do céu.

Ergo as mãos vazias,
reconhecendo, não implorando.

XLVII

Traço uma linha com o dedo,
um risco frágil na areia.
O vento a apaga,
mas o gesto fica na pele.

XLVIII

Às vezes, chove.

Gotas pesadas na duna.

Um inseto rasteja ao crepúsculo.

A areia guarda o instante.

XLIX

Saio sem deixar marcas,
pisando leve na pele do mundo.
O deserto não me prende,
apenas me deixa passar.

L

O último rito é o mais simples:
partir sem peso,
levar apenas o silêncio
e a memória dos gestos sem fim.

Espalho cinzas na areia fina,
um véu que o vento dispersa.
Deixo uma gota d'água na duna,
um presente que a terra absorve.

Os grãos se movem, lentos,
recompondo o que nunca se fixa.
Piso leve, sem marcar o chão,
meus passos se perdem no vazio.

As estrelas observam, distantes,
agulhas que costuram o tempo.
Um grão preso entre os dedos,
um último traço que não guardo.

Epílogo: A Devoção ao Vazio

O poema não se fecha.
A areia segue seu lento ofício,
rearrumando o que nunca se fixa.

A imensidão fala
num silêncio que transborda,
sem precisar de vozes.

Não busco o centro —
ele pulsa em cada grão que cede,
em cada espaço que acolhe
sem perguntar de onde vim.

Deixo a areia.
A areia me deixa.

Nada se resolveu.
Tudo se assentou.

A respiração do deserto
— essa, sim —
nunca cessa.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro nasceu da paciência do pó.

Foi composto em EB Garamond, desenho de Georg Duffner (2008)
a partir das formas renascentistas de Claude Garamont — letras que
viajaram do chumbo à luz.

Aqui, o grão se fez pixel,
e a tipografia tornou-se vento:
memória do século XVI soprada sobre o deserto digital.

Sob os auspícios de *Ars Verbi*TM,
em Lapa, Paraná,
onde o tempo ainda tem corpo,
e o silêncio, tipografia.

